Música na rua
e outros poemas

Samuel Mattos

Editora da UESC

Música na rua
e outros poemas

Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Adeum Hilário Sauer - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor
Lourice Hage Salume Lessa - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS
Maria Luiza Nora

Conselho Editorial*:*
Maria Luiza Nora – Presidente
Antônio Roberto da Paixão Ribeiro
Elis Cristina Fiamengue
Fernando Rios do Nascimento
Jaênes Miranda Alves
Jorge Octavio Alves Moreno
Lino Arnulfo Vieira Cintra
Lourice Salume Lessa
Lourival Pereira Junior
Maria Laura Oliveira Gomes
Marileide Santos Oliveira
Marcelo Schramm Mielke
Ricardo Matos Santana

Samuel Mattos

Música na rua

e outros poemas

Editora da UESC

©2008 by Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
http://www.uesc.br/editora e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini

ILUSTRAÇÃO
Violiniste bleu, Marc Chagall, 1947
Retoques e efeitos em Photoshop

REVISÃO
Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M435 Mattos, Samuel Leandro Oliveira de.
Música na rua e outros poemas / Samuel Leandro Oliveira Mattos. – Ilhéus : Editus, 2008.
86p.

ISBN : 978-857455-139-5

1.Poesia brasileira – Coletânea. I.Título.

CDD – 869.91

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

Dedicatória

Para Ana Cândida, filha, cuja complexa e simplória vida me veio trazer amadurecimento, mais compreensão do mundo e de mim próprio,

para Isis, esposa, pela parceria grandiosa e doce que muito me alegra e alenta,

para Damares, mãe, que por mim tudo fez, a quem devo o fôlego de vida e um grande investimento de amor,

para Guilherme (*in memorian*), pai, pelo exemplo de profissionalismo e trabalho humanitário,

para Ivana e Rebeca, irmãs, pela útil amizade com que sempre contei,

para todos que fazem parte prazenteira da minha vida finita.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Santa Cruz
A Guilherme Lamounier Vieira

Nota do Autor

Música na rua e outros poemas abriga o verso como tentativa de expressar o sentimento múltiplo e cotidiano do ser humano diante de si mesmo, do outro e da sociedade em que vive.

A poesia procura aqui chamar atenção da delicadeza e da inteligência para a necessidade do auto-conhecimento e da reflexão. Os versos, dessa forma, tentam apresentar-se como sinal ou apelo ao bom senso e à ética civil - sem contudo prescindir do humor e da ironia, que por certo prolongam a vida e minimizam a dor.

Como cenário, tem-se uma sociedade recém saída de regimes arbitrários e de uma irreal situação econômica, buscando agora, com os pés no chão, compreensão mais exata de si própria. Porém, um sistema perverso de transferência de renda e geração de pobreza avulta o desemprego. A violência urbana então se torna um confronto de classes sociais.

Simultaneamente, surge uma geração jovem hedonista e politicamente ausente, perdida em si, pobre de valores éticos e que ameaça destruir a escola e a já debilitada família.

A televisão mediocriza as massas, a tecnologia e a idiotice se multiplicam velozmente, banaliza-se o sexo e o eu prevalece sobre o coletivo.

Contudo, cresce lentamente uma consciência ecológica e cosmopolita. O país, assim como no ciclo do açúcar ou do ouro, ora pela sua biodiversidade e abundância de água, torna-se objeto de cobiça internacional.

Após a comemoração de 500 do Brasil no mapa europeu, vive-se a ansiedade de um novo século, como se o tempo recomeçasse.

Todavia, a sensação que se tem é aquela apregoada pelo Eclesiastes, de que nada há de novo debaixo do sol. Afinal de contas, há milênios os homens cultivam a cobiça, o amor e a paixão, matam e morrem pelos mesmos motivos.

A *obra Música na Rua e outros poemas*, de autoria do Professor Samuel Leandro Oliveira de Mattos, é uma coletânea de poemas, dividida em três partes, que correspondem a três grandes grupos temáticos: a primeira, "Sociais"; a segunda, "Existenciais"; a terceira, "Amorosos".

Em "Sociais", ouve-se com nitidez a influência dos anos sessenta, de sua política, de sua cultura. O poeta põe no papel as dores da Ditadura e, com olhos bem críticos, vê como sua geração foi manipulada, a fim de não perceber o que se passava à sua volta. Essa fase da criação começa com um dos pontos altos do Trabalho Poético de Samuel Mattos, "Ato 'Legal" , sobre a criança de rua e que remete o leitor ao clássico de Chico Buarque "Pivete", não pela forma, mas pelo olhar poético: "Tal resto sou tido/ Tal lixo danoso/ Feroz e nocivo/ Entulho da vida". Destaco o poema de temática regional "Fluvial", onde o eu-lírico se volta para a pobre realidade ribeirinha, trazendo as águas do Rio Cachoeira, e a dor da fome dos que dele dependem, para as páginas de seu livro: "Mas canto é o homem/ Da margem da beira/ Do Rio Cachoeira/ Do peixe que é pouco/ E da vida ligeira.".

Na segunda parte, predomina a angústia humana diante da vida, do divino e do material, o que se traduz em poemas com uma linguagem, de certa forma, barroca, como em "À Deriva": "O que busco é o que bem sei/ Não sei bem porém se busco/ Sempre em mim nem sempre mundo/ Corro em luta é por vivê-lo". Em alguns momentos, ressalta uma atitude de conformação religiosa perante o Divino: "Obrigado, grande Deus/ Pela vida que é triste / Pela arte que me deste/ No sentir que só existe/ A tristeza e o adeus/ Nessa noite que me veste" (Poema "Aurora").

Há, em "Existenciais", alguma metapoesia. Em "Como um Rio", o eu-lírico compara o poema a um rio "Em meandros de linguagem", rio este que carregaria a vida em seu leito, uma vida de prazer e dor. A temática se repete em "Poética", e o fazer poético vem mais uma vez associado à tradução da dor e da mágoa. O poema "Fingindo" traz uma quase explícita inspiração em Fernando Pessoa, "Autopsicografia", e, na mesma linha do poeta português, o próprio fingimento poético acaba relativizado.

Na terceira parte, "Amorosos", o eu-lírico traduz, principalmente, uma visão erótica da mulher. Essa erotização, por vezes atenuada, vem organizada por intensa intertextualidade, a partir da qual ouvem-se as vozes de Camões ("Amoramigo": "Oh, querida amada minha/ Que de

mal bem me fizeste/ Que o corpo a ti só busca/ Que minh'alma aqui suspira/ Por te ver e tudo ser-te?"), com sua angústia pelo amor que mistura bem e mal, felicidade e dor; e Vinicius de Moraes ("Menu à Baiana": "Se queres querida guardar no teu corpo/ Textura de quinze firmeza doçura/ Copie a receita do "maitre"calouro/ Que ama cozinha carinhos amores/ E mais teus amores que bolos e vinhos"), em sua associação erotizante entre a comida e o amor, a beleza feminina; além de um certo tom das cantigas medievais ("És tão linda, amiga, tão livre que te invejo as asas d'alma", em "Proposta"). Há, também, em alguns poemas, uma linguagem neoclássica, que lembra o Dirceu que sente o tempo passar, afastando-o de sua Marília, como no texto "Fugaz": "Porém o que és/ Pra teres porvir/ E seres a vida/ Sem pele tão bela?".

Entendo que o Trabalho Poético de Samuel Mattos tem valor artístico-literário e dá conta de um olhar voltado não apenas para a sentimentalidade humana, mas, principalmente, para a existência do homem, e para a realidade social baiana.

Agradecendo a oportunidade de fazer tão agradável leitura,

Professora Doutora Patrícia Kátia da Costa Pina
(Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz)

“Tudo vale a pena
se a alma não é pequena”.
Fernando Pessoa

Sumário

Ato "Legal" 19
Bahia 21
Chuva na Cidade 23
Ecologia da Globalização 24
Fluvial 27
"Intelectual" 29
Metropolitano 30
Milagre 1970 31
Música na Rua 33
O Lixo 35
Samba da Vida 36
Pretexto Brasiliense 37
Sertão 39
Sincopado 40
Sufrágio 41
Vil 43
Autobiografia 46
Caduco 49
Como um Rio 50
Criar 51
Engano 52
Estar e ser 53
Existência 54
Filosofia 55
Fingindo 57
Insegurança 58
Intemporal 59
Lágrima 60
Noite 61
Pensando 63

Poética 64
Revelação 65
Risco 66
Sabedoria 67
Sentir e Ver 68
Amoramigo 70
Confissão 72
Fugaz 73
Menu à Baiana 74
Mergulho 76
Atemporal 77
Miss 78
Prescrição 79
Proposta 81
Reflexo 83
Saudade 84
Silêncio 85

Ato “Legal”
(Estatuto da Criança e do Adolescente)

Nasci não sei onde
De mãe que não vejo
De pais em desejo
Num parto de vida

Do nada surgindo
Na rua morando
Do lixo vivendo
Me crio na vida

Por todos olhado
Por outros temido
Pra muitos: Que pena!
Pra outros: A vida!

Sozinho me sinto
Agrido, maltrato
Me dopo, me firo
À margem da vida

Se quero, rapino
Se mato, não ligo
Se valho? Existo?
Sou nada pra vida

Tal resto sou tido
Tal lixo danoso
Feroz e nocivo
Entulho da vida

Sou vil execrado
Sou nó e sujeira
Me cospem me batem
Sou fez duma vida

Me furam projéteis
Qual bicho me matam
No mato me jogam
Me tiram da vida

Sem dor ou remorso
Agora esquecido
Fui nada, foi nada!
Foi lenda da vida.

Bahia

(De Gregório de Matos a Carlinhos Brown, primazia e sorriso à civilização brasileira)

Sambando suando calor e folia
Dançando na vida vivendo só dia
Barrica cuíca timbau atabaque
Na preta só festa só roda magia

Gingado de Jeje caxixe cachaça
Mulato malungo malandro sabido
Libido na rua terreiro caboco
No toco na praça Nagô em chibata

Castanha paçoca moqueca d'arraia
Na praia domingo do bicho da missa
Do Rasta do "reggae" do Bimba cabaça
D'Angola do golpe da perna que voa

Da broa cocada sacada sobrado
Do Carmo d'oiteiro ladeira calçada
Velada rezada benzida pipoca
Da prosa da tarde preguiça manhosa

Da Rosa mulata cabrocha mucama
Na cama do fundo da mesa da dama
Da chama da lua Baía do Santo
Do canto d'encanto sorriso da gente

Doente na fome na sede de festa
Modesta tal vida já vista demente
Carente pulando na rua no largo
Vadio molambo que ginga contente

No frio na chuva no sol e no morro
Penoso moreno cafuzo garboso
Pomposo famoso na arte batuque
No truque no jogo na pinga saúde

Padrinho sobrinho vizinho cunhado
Na farra dos trios ao meio da praça
Ressaca da cana talvez ameaça
Mas vida se passa na graça beleza
Deus queira que seja amanhã feriado.

Chuva na Cidade

(das encostas do Rio
à Bolsa de São Paulo)

A chuva que molha bom teto vidraça
Que leva riqueza do campo pro banco
Do grande "plantation" pra casa de praia
Do fino colar té o vôo a Miami,
Brasília São Paulo com terno e gravata
Tal é como chuva que morro desmancha
Que cobre com terra barracos e gentes
E bichos e mesas e telhas de zinco
Com Pedros Antônios e outros da lama
Que nela já morrem com fé confiança
Que finde tal dano, que haja abastança.

Na chuva que cobre que mata que rega
Porém há saber que o sol não o sabe:
Que dura morada de morte do morro
-se morte não leva seu resto de vida -
Com vida de morte e de dor só ensina
Que vale viver essa vida com raça
Praquele que salta do tédio pra morte
Por falta de dor ou excesso de sorte.

Ecologia da Globalização

(Conferência para o meio ambiente
Rio de Janeiro - 1992)

Hoje falam sobre o verde
Por salvar a vida-terra
Folha tronco galho relva
Amazônia, bicho n'água

Tudo ao Sul assim se volta
Toda boca então labuta
Toda mão em gesto clama
Todo o mundo aqui discute
Todo rei por cá reclama

Mas por sob o grande verde
Que será que há de fato?
Cobre prata ferro ouro,
Manganês madeira zinco?

Que será que tanto rico
Lá do Norte tão distante
Por Brasil se faz amante
Já depois de ter roído
Todo chão em seu Estado?

Vêm de novo em nossa "ajuda"
Ensinar como "guardar"?
Vem trazer o que bem sabe,
Rapinar em tom de amar?
Vem sacola ou vem com saco
Pra levar o quanto cabe?

Oh Tupino, quanto "amigo"
Sempre há em teu pomar
Quanto "auxílio" quanta mão
Quanta briga por teu viço
Só porque não és só belo
Só porque não és só rico
Mas também porque teu filho
Vive cego... de rezar
Vive rico de vender-te,
Vive pobre por não ter-te
...mas alegre por sambar.

Encosta

Criança brincando na terra tão suja
Da vida que passa não dá-se por conta
Ruína da casa tampouco lhe fala
Lembrança de nobre seu teto de hoje

De panos e trapo repleta a corda
Abertas e podres janelas e porta
Madeira da Costa telhado de França
Que tudo já foram mas mofam n'agora

Seu coro de riso entoa menino
D'encosta vislumbra cidade que corre
Do morro do lixo do mato de vulto
Do canto singelo que nunca ouvido

Tão doce cantando pureza do dia
Nem sente que magro será com'agora
Que mundo deveras não é o que pensa
Pois vida que corre não dá-lhe lugar.

Fluvial

Sob o luar frio
Deslizando nas águas
Subindo o rio
De dores e mágoas
Surge sombrio

Penumbra da noite
Encobre seu nome
E seu sobrenome
(tal feito essa noite)
No escuro já some

Não falo da ninfa
Do leito do rio
Do verso de linfa
Do poeta vazio
Que hoje inda sonha

Mas canto é o homem
Da margem da beira
Do Rio Cachoeira
Do peixe que é pouco
E da vida ligeira.
Geração Coca cola

O país está em treva
Pela mente não há luz
Grito vário pela rua
Tudo ócio, sem alento

Da TV se jorra sangue
Pra milhares sem caminho
Nada visa esse Brasil
Que só lixo vê na tela

No idoso não há força
No mais tenro não há causa
No marasmo assim caído
Não se dá que vale nada

Na escola o eu se senta
Aula assiste e vai-se embora
Sem comum sem coletivo
Sem porquê e sem melhora

Oca faz-se juventude
Como fruto duma messe
Que por fortes semeada
Floresceu em eu distante

Todo verde fez-se "blue"
"Blue" vestido "blue" falado
Mente e corpo já imersos
Nos valores doutro mar

Sem razão sem movimento
Sem raiz e sem pensar
Sem questão e sem Tupi
Vai Brazil sem se achar.

“Intelectual”

(à erudição tupiniquin)

O saber que cá se busca
Nada sabe desta gente
Que padece numa luta
Que de letra não entende

Nada pensa de si mesmo
Não possui sua questão
E se acha ainda culto
No saber do estrangeiro

Como tolo é tal saber
Servirá só para nada
O pensar de outro povo
Sem o seu aqui pensar

Faz-se vão seu conhecer
Sem razão que seja sua
Pois anula o seu papel
De ser luz a quem não vê.

Metropolitano

A cidade é um mar de ruídos
Um mar sem luar e sem sol
Um grito de guerra sem causa
Dum lado pra outro a correr
Sem tempo de não ser em vão.

Milagre 1970

Gasolina... era barato
Dava até pra teto e chão
Carro e chão assim regados
Pão à farta concessão

Esso sempre numa esquina
Eu garoto ainda lembro
Da fartura azul comum
Que durava até dezembro

Mas também a gente lembra
Gás em bomba e explosão
Tão brincando a morte vinha
Muito corpo teve à mão

Bem dizia o fardadinho
Tão bonzinho e tão cabal
"Cada qual que tome vinho
Que não sinta a bordoada
Que não morra à cacetada
Que apanhe só um pouquinho
Mas confesse no final"

"Para o carro a gasolina
mas pensar não se atura,
mundo em crise não tritura
meu país que não declina"

Tanta coisa aqui havia
Té Tio Sam por cá andava
Nos brasis do tudo tinha
No futuro a que buscava

Milagreiro bom sambista
Se famou por mundo afora
No pensante deu sumiço
Sem jornal nem ver a hora

Mas durou o sonho pouco
Pois que foi-se já embora
Só deixando ao povo o troco
Que tornou país inflado
Que fundou nação devendo
E findando em hoje atado
Se pergunta em se doendo:
- Que milagre salva agora?

Música na Rua

Vêm beijar-te doces cantos
Ternos sons nos ares teus
Bom batuque samba, rodas
Tudo enfim que faz-te ser

Vem de ti também canções
Dos coqueiros que balançam
Dos saveiros na baía
Num gingado sob a noite

Das estrelas vem-te brilho
No teu mar beleza mora
Pele negra, dentes alvos
Faz a graça do teu filho

Vem de ti porém tristeza
Que insiste no seu canto
Dos pequenos que da rua
Fazem casa pais e vida

Dos pedintes na calçada
Molambentos sobre o lixo
Que se amam na marquise
Que se matam na encosta

Da menina qual madame
Com convite na esquina
Adestrada pela fome
Pro amor que chama arte

Sempre em ti o belo vêem
Mas tristeza é teu haver
Teu cantar de tão soturno

Busca em festa se esconder

Vêem-te assim com alegria
Qual vitrina sob o sol
Mil folias mil encantos
Mil festejos na Bahia.

O Lixo

O lixo estão revirando
Procurando o pão da vida
Carne e fruta apodrecida
De restos se alimentando

O cão e o homem
Mulheres e gatos
Crianças e ratos
Que juntos já comem

Remexendo o lixo, animais
Lixo burguês, egoísta
Lixo sujo, capitalista
Que os trata como iguais

O lixo consomem, destroem
Os filhos das servidões
e pródigas dominações
Usinas constroem

Estão revirando o lixo
Dos palácios, casarões
Das favelas, barracões
Do sistema... de lixo.

Samba da Vida

Cá no morro um pinho rouco
De compasso firme e forte
Geme ao canto que é pouco
Dum mulato já sem parte
Nesse mundo branco e oco

Logo ao pinho vem se unir
Um pandeiro, um tamborim
E atabaque em bom bramir
Contra a vida tão ruim
Que ora castra sem ferir

Mas tristeza vai-se embora
O bom samba não suporta
Samba a outra e a senhora
Samba a casa sem ter porta
Samba a vida o grande agora

Cá a gente é uma família
De cachaça pura e quente
De criança que tem filha
E o samba em lua ardente
Torna dor em maravilha

Pois batuque é alegria
Desse povo que é triste
E que luta todo o dia
Contra a vida que insiste
Em somente ser folia.

Pretexto Brasiliense

(a ritmo de zabumba e triângulo)

A AIDS ora mata e é sabido
Entre os povos lá do norte
Onde o mal é difundido
Que é doença de má sorte

E o povo cá do morro
Sabe lá o que é isso?
O doutor lhe dá socorro?
O cura é feitiço

Cá se morre é de navalha
De um bamba e de valente
Se mulher ciosa ralha
Vê morte de repente

Morre muito é de cachaça
Tiroteio com polícia
Capoeira roda sem graça
Mas é morte com perícia

De malária nem se fala
Morre tanto que nem digo
É mosquito em muita vala
De esgoto e de perigo

E essa febre amarela
Dizimando o povo pobre
Zé do barro e da tramela
Dando duro por um cobre

Mas maior de toda morte
É a fome assassina

Mata o povo que sem sorte
Vai seguindo sua sina

Mata o velho e o anjinho
Que nem sabe o que é vida
Que não teve um carinho
Já nasceram na ferida

É assim que o povo morre
Nesta terra de mazela
E a AIDS já percorre
Nosso rádio nossa tela
Divulgando nova ação
Dum governo preocupado
Para o povo sem ter pão
Que já morre até calado.

Sertão

Dois olhos miúdos
Nas trevas percorrem
Pautados mundos
De letras que dormem
Sonos profundos

A letra não fala
Os olhos não ouvem
A boca se cala
E a mente de nuvem
Só traz chuva rala

Se letra fosse fumo
Quem sabe cachaça
Veriam num rumo
Seu gosto sem graça
O sentido e o prumo

Mas letra é letra só
Não lhe serve para nada
"Isso é coisa de doutor",
Diria o camarada
Do roçado e do cipó.

Sincopado

O samba em compasso binário
Batendo ora fraco ora forte
É o grito latente e diário
Dum povo na dor do seu corte

Tão belo porém é sambar
Contente ardente e festivo
Que o mundo jamais saberá
Que seu criador é cativo
E samba pra se libertar
Ou samba mostrando estar vivo.

Sufrágio
(do Sertão à Zona da Mata)

Cê vote em meu filho, compadre
Menino é tão bom que nem digo
Rapaz de vigor e coragem
Mancebo de garra e sabido

Só disso que o povo precisa
Coragem pru'm tudo mudar
Só nele cê vote, compadre
Farinha te mando levar

Por bem que te digo, colega
Por todos aqui da seção
Votar no menino é negócio
Senão vai-se ver demissão

Amados pastores amigos
Conselho que dou não de meu:
Votai no menino dotado
Com todo que cá congregado
Pois ele é o homem de Deus

Bem quero eleger o menino
Mais nada pra mim levarei
Que sinto no peito é a lei
Que nada se muda ao acaso
Votai no menino dotado
Que tudo rirá outra vez

Teu neto não quer o Senado?
Teu genro mandar em soldado?
Já sabes então o recado:
Do gado lá do seu pasto

Me veja dez mil de votado
Pro jovem chamado dotado

Depressa somai os folhetos
Rogai sim a Deus o Senhor
Se eleja mancebo com honra
Que seja pra sempre penhor

Que nada de fraude se veja
Se veja somente justiça
Mas vindo porém o incerto
Que põe o mancebo na risca
Enchei de pontinhos a folha
Que encho teu lar de comida

Mancebo destarte se elege
Na glória de todos afins
Que enfim reunidos em riso
Por causa do povo sem siso
Na súcia-família-colégio
Celebram por anos sem fim.

Vil

Não exalto a minha terra
Nem canto no meu verso
Pois de que me serviria
O louvor a terra rica
Se seu filho envilecido
Pela mão do Norte "amigo"
Não a tem como devia
E nem tem como a ter?

O que canto é a revolta
De um povo que nem sabe
Da corrente que o prende
E é debalde seu trabalho

O que louvo é a sedição
Contra o jugo desigual
Pelo povo que não sonha
Por porvir no seu quintal.

“No dia da alegria, seja feliz. No dia da tristeza, medite. Deus fez tanto um como outro, para que o homem não saiba o que lhe virá no amanhã”.

Eclesiastes 7:14

Autobiografia

(apresentação de um desconhecido)

Nasci na Bahia do samba
Também onde a Bossa nasceu
No Sul do Estado contudo
Cresci no cacau amarelo
Que Jorge tão bem descreveu

Surgi nesse ano de Golpe
Que fora qual fase de treva
Cegueira porém se nos veio
Que vimos azul o cinzento
E assim nesse infante momento
Brinquei de soldado e de rei

Na Copa de 70 fui festa
Nação em fervor se achava
Fardado de farsa mandava
Legando problema ao futuro
Mas sempre saltando do muro
Fugi da escola pra vida
Com muitos garotos na lida
Voltando com galos na testa

Corri com saberes de rua
Vidraça quebrando com riso
Enquanto um Brasil orgulhoso
Na crise do óleo precioso
Gastava qual pródigo filho

Piano me foi desistência
Leitura gerava alergia
Preguiça me dava a escrita
Seis anos custou o ginásio

Com tom de amor-paciência
De mãe, e é bom que se diga,
Findei os estudos primários
Gerando inaudita alegria

Só "rock" importado ouvia
Palavras estranhas do Norte
Té quando o Brasil me desperta
Na dor que o Chico cantava
Fazendo-me ver descoberto
Que sonho-país terminava
Que triste era o povo que ria

A dor que a gente exalava
Me veio ser dor já de meu
Morri para o eu isolado
Me vi num poeta acanhado
Versando mal verso por Deus

Tentei um comércio de roupas
Boutique de malhas e linhos
Senti que não era lojista
Que nada de venda sabia

Mulheres-amores bem tive
Mas tudo é segredo de Estado
Um dia porém num achado
Encontro essa fêmea querida
Que hoje comigo convive
Na cama na mesa no verso
Na dor e na festa da vida

Amores também que abrigo
São samba e batuque cantado
Barzinho, conversa de amigo

Silêncio porém no meu quarto

Depois bacharel me formei
(em vez de poesia, turismo)
De tanto viagem estudar
Igualmente hotel e transporte
Rumei à América do Norte
E lá resolvi foi ficar

Três anos mais tarde retorno
País promissor encontrava
Com plano Real que de fato
Futuro ao Brasil ofertava.

Então ao ensino me dava
(conforme ao ensino me dou)
Alunas, alunos qual filhos
Na lida de ser professor

E enfim encerrando à baiana
Diria que tudo é bobagem
Que vida se vive é vivendo
Que verso sem vida não age
Portanto, pra luta, malungo
Deixemos a prosa de lado.

Caduco

Quem zela somente seu tempo
Dos tempos não tem o primor
Da vida só vê um momento
Que traz a saudade em sabor

Porém o viver é um moto
Com ele é preciso girar
somando vanguarda a remoto
Tal velho e tal jovem pensar

Quem pois é avesso a moderno
Se fecha no tempo que é seu
E velho sem cã e sem terno
Se há como quem já morreu.

Como um Rio

O poema é como um rio
Em meandros de linguagem
Carregando no seu leito
Uma vida num só fio,
Espalhando pela margem
O prazer e a dor do peito

Pra beber da sua água
É mister porém sentir
A beleza em toda dor,
Navegar em sua mágoa
Vendo a vida assim fluir
Pela letra em som e cor.

Criar

(a dor louvada)
Se distante assim me vejo
Nesse mundo em que sou eu
Só por ser-me vivo muito
Penso o tudo enquanto meu

No pensar me tenho grande
Flor se faz a vida em mim
Té que enfim me sai morosa
Feita versos pro porvir

No porvir é pois amada
Cada dor bem lhe lerão
Ver-me-ão tal brio alado
- não mais sonhos como então

Mas então não mais serei
Nada a mim se me dará
Pois em sonho habitarei
Qual agora em meu sonhar.

Engano

Mui pobre e vazio é o ser
Que ergue o riso e o peito
Sem nunca cair ou sofrer
Se olhando do alto perfeito

Pois anda à flor duma água
E a vida no fundo é que está
Um fundo de dores e mágoa
Que fere mas faz transformar

E eleva e nutre enriquece
O homem em tudo enternece
De grande que ela se faz

Enquanto que a vida sem dor
Se engana no mundo de flor
E nem de se ver é capaz.

Estar e ser
(*to be or not to be*)

Quando saio sou inverso
Em portar-me bem eu vou
Sendo tudo o que se pensa
Mas um vácuo do que sou

Em chegando é que porém
Sendo o mundo no pensar
Não sou nada que convém
E sou todo em meu criar

Em criando sou eu mesmo
Que me venho esmigalhar
Sobre a folha, pelo ermo
Que sozinho quis formar

Onde a pena é uma amiga
Que rabisca e me revela
E me sente sem que diga
Que sem ela eu nada sou.

Existência

Há um vácuo a entreter
Que se diz ser amizade
E um amor a envolver
Mas não ama de verdade

Que viver o dessa vida
Que não pára pra pensar
Em ser tudo na investida
Sendo um nada no falar!

É mister ser como a lua
Que se mostra inteira nua
Logo após o dia ido

Sê sensível ao viver
Pois senão vais perecer
Sem deveras ter vivido

Filosofia

Pra bem viver e ser a vida
Em si não muito importa ter
E sim bem vivo estar atento
O bem vivê-la é todo haver

O que se diz que falta faz
Às vezes nada em si traduz
Senão pra quem a venda traz
Algum trocado e luxo e luz

O teto-abrigo em tom silente
Amor-ternura à cor d'amada
Ardor de peles flor do ventre
Afeto doce e paz se veja

E mesmo parco o teto dito
Embora forte em bom tijolo
Ali habite a rica rima
Em que se olhe a terna amiga
Em que se cante a vida em coro

A dor também paixão e causa
Até quem sabe à luta à morte
Eterno fato à vida seja
E tal razão produza a sorte

À mesa o nada falte ou sobre
O tudo à mão porém se estenda
A dar riqueza e bem sem tê-la
Encher de graça a quem mais pobre

À farta seja a lida bruta
Em sol suor até cansaço

A fim porém de ter-se largo
(em vez luxo e fútil bem)
Um bom saber que tudo escruta

À rua haver-se e ser o povo
Amar-lhe sempre o que produz
O belo o todo o dom do novo
O livre estilo o ser verdade
Em meio a arte a vida seja
Em meio a cor ciência e luz

A Deus querer sem forma-forma
Amigo tê-lo em prece e festa
O choro o riso o nada e tudo
Em si lhe sejam culto e norma

Enfim a vida assim vivê-la
O mais virá n'aurora e noite
A cada passo um gosto um sopro
A cada sopro um nascimento
A cada alento um dia grande
A cada dor um riso farto
Até que finde em longo ocaso
Ou finde agora enquanto penso.

Fingindo

O ente humano
Não é o que é
E sim representa
O que deve ele ser

No mar de fingir
A dor vira riso
E até o que sente
Vivido não é

E a vida se vai
Fingindo que é boa
Enquanto o fingir
Já finge que é vida.

Insegurança

Todo ser que necessita
Amiúde doutro alguém
É também o que hesita
Em ficando sem ninguém

É aquele que sem vida
Só a tem em outro ser
Logo a sua tão querida
Inda vai de si nascer

Não se dá que solidão
É a vida concentrada
Que germina como grão
Florejando té do nada

Multidão é o oposto
Pois só faz estagnar
O sorriso pôr no rosto
Sem em nada meditar

E assim o que sozinho
É bem firme no andar
Mas o outro do vizinho
Tudo espera sem pensar.

Intemporal

Que é a vida senão um só fio?
Dor e prazer a fiar é que vem
Cedo se vai carregando também
Todo bom sonho já feito vazio
Por se pensar e um nada fazer

Por se pensar e um nada fazer
Oco se esvai o viver e sonhar
Logo se finda a razão de amar
Tudo de belo que move o viver
Ser e fazer o que pode ficar

Ser e fazer o que pode ficar
(como se tudo findasse no ora)
é que já pode o viver alongar
Torna tal fio que nada demora
N'algo morando no seu eternal.

Lágrima

Feliz é aquele que chora
Pois sabe verter sua dor
Na gota de sangue sem cor
Tão logo provendo melhora

Quem sofre sem choro porém
Vertendo só versos que fia
Na dor tem demais agonia
Que faz-lhe penar qual ninguém

Seu pranto na folha cai lento
Com letras da dor que dizima
Juntando na poça da rima
Tristeza, beleza e alento.

Noite

Agora escurece
A lua no mar
Já brilha cheia
E brilha bela
Como ela só

Porém na noite
Que há em mim
Não se vê lua
E nem o brilho
Do alvrecr

Parto

Pensa a vida pensa o mundo
Vive o mundo sofre a vida
Vê-se em dores vê-se parco

Vêm-lhe gritos da entranha
Da entranha vem-lhe algo
Lentamente corre e grita
Corre e grita mas silente

Toma a pena, risca dores
Risca sangue, risca morte
Risca choro e verte vida

Toca a vida com ternura
Nos contornos do formato
Dá-lhe corpo dá-lhe sopro
Suspirando pós o parto

Vai amá-lo, com certeza
Vão amá-lo, não se sabe
Mas enfim se faz alento
Mas enfim se faz vivente
- Vinte versos qual a vida,
Vinte versos tão somente.

Pensando

Viver comumente e pensar
São mundos distantes em luta
Qual rir e chorar se opõem
Qual noite e o dia a raiar

Sorrisos, amigos colhendo
Estados de vida implicam
Porém é no só se ficando
Na dor que o mundo espreita
Que faz-se crescer em si sendo

Contudo qual dor que se mostra
Na vida difícil seguindo
Bem gera prazer no pensando
Que cria viver mais divino

Tratados de como portar-se,
Valores de grupo sufocam
Esvai-se mui tempo de vida
E nada se faz de melhora

Mister é sonhar sem o sono
O mundo dos homens mudar
Pra tanto é preciso sofrer
Viver por fazer e pensar.

Poética

O poeta é quem é só
E em solidão vasta
Traduz sua alma

E em si debulha
A vida e o nó
E vive o verso
Com dor e mágoa.

Revelação

Quando a vida faz-me bem
E de todo estou sem dor
Meu pensar se vai em cor
Mas um vão é que contém

Se contudo vem a guerra
De em mim me ver aflito,
Penso sempre o infinito
Que me eleva desta terra

Sendo assim o meu penar
Vem dizer que ser eu sou
Pois na vida onde estou
Conhecer se faz na dor.

Risco

Em face do bem por fazer
Se penso demais não o faço
Pensando me vou sem querer
Temendo seu fim seja laço

Porém se não faço o que devo
(o bem que aos olhos desponta)
Não posso saber se aponta
Caminhos de dor ou enlevo

Pensar é cautela de fato
Mas muito pensar nada faz
Viver é somar cada ato
Que a vida de novo não traz

Pois todo fazer que esquivo
Jamais o meu ser saberá
Mas dor ou prazer que bem vivo
Qual parte de mim me será.

Sabedoria

Quem acho que sou se maldigo esta vida
Por simples estorvo no meu caminhar
Sabendo que vem ao meu ser ensinar
Mostrando a razão que me foi escondida?

Gemendo gritando bem alto essa dor
De nada me serve senão pra sofrer
Se penso porém no seu grande porquê
Do fel já renasço pra doce sabor

Quem busca portanto viver a beleza
Fugindo da dor que a vida bem traz
Repousa no leito do sonho da paz
Mas sem o saber que provem da tristeza.

Sentir e Ver

O bonito quer ser belo
No portar e no sentir
Qual beleza fosse forma
Que se pode bem medir

Se porém a forma fosse,
Cujo fim é sempre o pó,
Vida breve então teria
Sem gerar prazer maior

Mas deveras na beleza
Nada tem de ver tocar
Pois somente no sentir
Vem seu brilho revelar

E por fim o brilho seu
No viver que agracia
É que faz o belo ser
Irisando feito o dia.

“Quão doce é o teu amor,
minha irmã, noiva minha!
quanto melhor é o teu amor
do que o vinho!
E o aroma dos teus ungüentos mais do
que o de toda sorte de especiarias”.
Cantares 4:10

Amoramigo

Oh querida amada minha
Que de mal bem me fizeste
Que o corpo a ti só busca
Que minh'alma aqui suspira
Por te ver e tudo ser-te?

Que magia tens contigo
Nessa carne doce escura
Encerrando a graça amiga
Do teu ser que me habita
Da peçonha que me cura

Terna dança em mar d'amores
Luta agreste sem decoro
Tal me é teu fogo insano
Teu arfar em mim guardado
Teu ardor que tanto amo

Oh menina amiga minha
Que tão bom é ter-te ao lado
Ser-te par ao teu cuidado
Ver-te assim qual terna mana
No meu ror de eu sozinho

Que beleza tens no jeito
Tão baiano tão trigueiro
Oh mulher criança adulta
Quanta vida em ti avulta
Quanto abrigo no teu peito

Quero em ti me ser a lida
Ser-te dor amor encanto
Paz que foge mal que dura
Graça afeto mão ternura
Na paixão sorver a vida
Pra contigo bem vivê-la.

Confissão

De princípio eu bem te olhei
De mui longe em meu pensar
Sem notar que me houvera
Conhecendo um doce ser
Que em ti se fez brotar

No depois porém me via
Já me vendo em teu olhar
Que me trouxe do remoto
Toda cor que quis achar
Irisando um novo dia

Que de claro fez-se belo
Meu querer virou sentir
Em te ter formou-se um elo
Como as letras deste verso
Que me enlaçam hoje a ti.

Fugaz

Que pensas da vida
Insana e tenra
Mulher em flor
Senão no amar?

Tu és toda firme
E tens alma boa
E gozas ainda
Do alvor em tua carne

Porém o que és
Pra teres porvir
E seres a vida
Sem pele tão bela?

Menu à Baiana

Se queres querida guardar no teu corpo
Textura de quinze firmeza doçura,
Copie a receita do "maitre" calouro
Que ama cozinha carinhos amores
E mais teus amores que bolos e vinhos:

Primeiro é preciso se ter apetite
Sem que não se vive a delícia da mesa
Porém etiqueta e sabor não se rime
Pois sigo uma rima que tudo permite:
- Bem mais que convir é preciso nutrir
(tal como te amar é bem mais que viver)
Portanto comamos com rito de riso
Sem jeito sem siso qual nossos afagos

A hora é bem cedo d'aveia, do leite
Branquinho que deixa a morena supimpa
Tão belo teu lábio na manga molhado
Que uvas e pêras também te receito

Mel puro e cenoura somado a cuidado
Na face te geram saúde e deleite
Porém a ternura bem mais que melado
Deveras de unte qual finos azeites

Moquecas d'arraia ostrinhas e peixe
Pra ti recomendo mas só com ressalva:
- sorriso nos olhos, benzinho do lado
Sem pressa sem data sem hora marcada

Também sob a mesa que pés se alisem
Sem pois esse mimo não dura o almoço
Tampouco se atura viver numa crise
Sem beijo sem torta carinho e sem doce

Mas sempre depois dessa hora de gula
Mister é sair pra uns passos, a dois
N'aragem dos mares coqueiros d'areia
E até lua cheia subir às alturas
Ficar em silentes momentos a sós

Chuveiro na volta descanso beijinho
Preguiça dosada medida à baiana
Batidas de coco vermutes e vinho
Amores à farta cansaço cochilo
e até um sussurro se integre ao menu

Depois a conversa pudins e cocadas
Em meio a resenhas e bolos e risos
A noite dum salto se faça alvorada
Trazendo bom sono com ondas e brisas
Nem sempre dormida quão sempre feliz

Mas tudo é um nada se falta à receita
Petisco de amor e essência de amigo
Sem que não se vive o amor verdadeiro
Sem que não se nutre da vida perfeita
Que terna e gulosa se faz num sigilo
Que ora prescrita só resta fazê-la.
Portanto à vida, à saúde e beleza.

Mergulho

Em ti imergi
Buscando o tesouro
De pedras-amores
Mas nada encontrei

E nem me molhou
Tu'água em azul
- não era senão
Um mar de palavras.

Atemporal

Um sol se nos abre e a noite dissipa
Com asa nos leva pra dentro de nós
Muralhas caíram ruíram paredes
Nascemos de novo na vida que grita
Que grita alegria sem medo de dor

Sem medo de si vê-se bela somente
Qual ave flutua no mar desse ar
Que dantes olhado jamais fora visto
Que dantes já visto jamais enxergado
No prisma "pureza" que a nós foi legado

Agora vadios em nós nos amamos
A vida adentramos em corpos que suam
Com olhos que tocam nos vemos no
outro
Com livres palavras dizemos que somos
Que somos a mente e o corpo do amor.

Miss

(parca aproximação do sentido de saudade)

Oh mulher amiga minha
Bom te ter na mente viva
Qual em mim te ver mais linda
No sonhar tão desejada

Cá de longe és minha perto
Pois te amo a cada instante
Bem no que também me firo
Com saudade e dor no peito
Que morosa vem cortante

Mas que doce a dor que tenho
Que suave o corte o pranto
Forma assim em que porquanto
Sinto a ti concretamente
Não na alma em si somente
Mas em derme carne e sangue

Vida abrigo em ti alegre
Mesmo agora em triste canto
Sonho a ti no meu poente
Té que venhas como encanto
Pr'amanhã em vez de pranto
Ser-te pele e corpo sempre.

Prescrição

(para solidão e mal-estar)

Se querem bem juntos viver esta vida
Preciso somente é que sejam amantes
Nem sempre sorrir ou amar como antes
Porém no amor ser a paz e o pranto
Porque sem o pranto o amor não rebrilha
Tampouco sem a paz há lugar pro encanto

Mas sempre lhes vá o amor que labuta
Que sua que cuida que zela e exorta
Quem pois afinal por melhora só luta
Precisa de bem que lhe seja conselho
Bem sério maduro sisudo e ordeiro
Que ame porém sem pudor e sem ordem

Com fritas, filé e comida a requinte
Bem como dispor os talheres na mesa
De nada conquista o amor-natureza
Que busca bem mais o arfar e delícia.
Que mostre-se pois a querida querendo
Também amamente o seu bem já crescido

Sobrinhos, vizinhos, parentes, amigos
Em si não são males, contudo cuidado
Bom tempo vos levam de horas baralho
Salgados bebidas ruídos enfados
Té quando o amor se chateia calado
E assim enfadada já dorme de lado

Presentes e flores e roupas e jóias
Amores alegram com cor e perfume
Mas haja n'agenda do amor amiúde
Bem mais um lhe dar-se de corpo e de alma
(com dengos e gulas, ardores e calma)
Que tudo que há na vitrine do mundo

No mais na fartura ou na falta de tudo
Té falta de leite e de leito macio
Que boca consuma o filé ou batata
Que cama se faça n'areia no piso
Mas sempre o amor seja veio do rio
Com fogo com jogo e calor à exata.

Proposta

És tão linda, amiga, tão livre que te invejo
[as asas d'alma
Tens em ti a leveza e inconstância da
[vida que vivemos
Ventos qu'entoam canções, temporais
[que roubam calma
Aventuras de amores que tive, sonhos
[do amor que anseio

Busco em ti porém só laço, e malha,
[e corda que me prenda
Atar-me ao teu corpo liso, trigueiro...
[acorrentar-me em ti
Mergulhar em teu mar de fogo insano,
[prazenteiro, denso
Ver-me em ti como que em mim próprio,
[cativo, prisioneiro

Não me sei se usurpo ou tenho-te
[por direito... por fato
Teu sorriso todavia é-me doce,
[justifica-me o ato, a posse
Enche-me de prazer como o tempo
[que já nos ouviu segredos
Com'a febre que já nos roçou a pele
[porosa, eriçada

Que fazer ou não fazer pra te ter
[qual parte minha?
Como ter-te, perto e longe, feito dor
[que bem me faz?
Como a pele vir tocar-te sem amar-te
[a alma tenra?

Como assim em ti viver-te sem beber-te
[a graça, a paz?

Que será que a mim fizeste?
[Por querer-te pois te quero.
Deixa ser-te então sorriso, vida alegre
[em ror de amores
Mares, cores, beijo doce, sol que
[arde em noite clara.
No teu corpo assim silente, quando
[em ti já teu me faço
Na tu'alma assim contente té que
[enfim me venha a paz.

Reflexo

(amar ou amar-se?)

Não se ama um outro ser
Nem se serve a ele amor
Pra lhe ser calor e vida
Completá-lo e dar prazer

Pois se ama é por amar-se
Em si mesmo em forte amor
Que do outro busca apenas
Ternos meios de cuidar-se

Se por fim assim não fosse
(esse amor se amando a si)
Sempre o outro então queria
Quando até ferir lhe fosse

E se o outro assim se busca
- mesmo sendo um mar de dor -
Não se mostra o quanto o ama
Mas só mostra um não amar-se
Que dizima o próprio amor.

Saudade

Esperar-te contra o tempo
No pensar que só te busca
Faz-se paz em sonho doce
Faz-se dor em ânsia lenta

Vem-me gozo no sentir-te
No viver-te cada instante
Do teu corpo embora longe
Dessa mágoa embora perto

No querer-te vivo pouco
Por não ver-te morro muito
Pois te vejo qual a vida
Pois renasço só no ter-te

Na saudade assim me firo
No ardor por encontrar-te
Pra dizer-me que te quero
que em ti me faço lasso
Descansando dessas dores
Para enfim sorver a paz.

Silêncio

Que segredo tens nos olhos
Quando falam-me silentes
Com mistérios e ternuras
Invadindo a alma minha?

Que me vêm assim dizer
Se me chegam com verdades
Entornando o que bem sentes
Sem em nada te esconder?

Donde sai seu meigo brilho
Que a mim se faz espelho
Onde vejo-me te vendo
Como fôssemos um só?

Que será que são de fato
Se os vejo já tão belos?
...e lhes quero como nunca
Por querer somente quero

Pois razão temor e medo
Hoje enfim não dizem nada
Mas teus olhos e meu verso
No silêncio se enlaçam.

O poema é como um rio
Em meandros de linguagem
Carregando no seu leito
Uma vida num só fio,
Espalhando pela margem
O prazer e a dor do peito

Editora da UESC